

O HOMEM, A MÁQUINA E O MITO

Uma análise da informatização da sociedade sob a ótica da globalização da economia

Simone Wolff *

RESUMO:

Esse ensaio tem como objetivo reatar os laços que unem a técnica e a tecnologia com o fazer coletivo, demonstrando que as mesmas são o resultado da maneira como cada sociedade produz e se relaciona com a natureza tendo, portanto, uma conotação eminentemente cultural pois repletas de subjetividades. Além disso, pretende desconstruir a visão alienante dessa dimensão do trabalho social revelando que o atual entendimento da tecnologia como algo separado do mesmo acarreta sérios problemas sociais tanto mais agravados por sua conseqüente mitificação. Sendo, pois, a informática a tecnologia por excelência do capitalismo global, tentaremos problematizar como sua inserção, dentro desse contexto, pode representar um poderoso instrumento de manipulação a serviço dos interesses de mercado em detrimento da maior parte da população.

ABSTRACT:

The objective of this essay is to link technique and technology to collective action and show that they are the product of the way society deals with nature. The essay has an eminently cultural view due to the subjectivity found both in society and in nature. It also intends to reveal that the current understanding of technology as something apart from the social work dimension will cause serious social problems, which are already aggravated for having been mythicized. Since computer science is now the technology of global capitalism, this essay will consider how computer science, in this context, may mean a powerful instrument serving the market's interests regardless of most of the population's.

* Docente do Departamento de Informática do Centro de Estudos Superiores de Londrina-CESULON

**** INTRODUÇÃO**

"Não devemos, em nossa época, enfrentar a possibilidade de que a mente humana, como realidade social, se possa estar deteriorando qualitativamente e em nível cultural, e não obstante muitos não o percebem devido à esmagadora acumulação de recursos técnicos?"

Não será esse um dos sentidos da racionalidade sem razão? Da alienação humana? Da ausência de qualquer papel livre para a razão nas questões humanas? A acumulação dos recursos técnicos oculta esses sentidos: os que usam tais recursos não o compreendem; seus inventores também não compreendem muito mais. É por isso que não podemos, sem grande ambiguidade, usar a abundância tecnológica como o índice de qualidade humana e progresso cultural." (Wright Mills, 1969 : 190)

O advento da informática carrega em seu bojo uma série de fatores que traz impactos e modificações sociais fundamentais. Comumente escutamos falar em "Revolução informática", mas o que é isso? Qual o significado e consequências de uma tecnologia que está envolvendo e transformando cada vez mais dimensões tão amplas e profundas da sociedade e, portanto, de nossas vidas?

Pensando nisso, e com a preocupação de vislumbrar o que esta mudança representa e representará para as sociedades como um todo e particularmente para as pessoas que a constroem, sentimos a necessidade de levantar e apontar quais as questões que a tecnologia informática coloca em relação ao nosso futuro. Assim, o presente ensaio visa a uma sistematização e reflexão sobre alguns problemas sócio-culturais que esta nova tecnologia está suscitando, com uma certa ênfase nas relações de trabalho por entendermos que a maior parte da população mundial tem suas vidas estruturadas sob este tipo de relação social.

** Esse ensaio é parte de monografia da autora apresentada como exigência para a conclusão do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina-UEL..

RELAÇÃO HOMEM / MÁQUINA

O fascínio pelas questões tecnológicas *** data de muitos séculos, sendo uma temática presente nas reflexões de vários filósofos. É claro que, dentro deste conteúdo, as associações entre homem e máquina não poderiam deixar de incidir. No século XVIII, La Mettrie, grande filósofo da época, polemiza com o pensamento vigente ao postular que o "homem é uma máquina". Afirmção ousada, não só pela época, mas por romper com um dos princípios mais fundamentais da filosofia clássica humanista - cujas sementes foram plantadas por filósofos da estirpe de Platão e Aristóteles - ou seja, a concepção de "anima" ou alma, responsável pelo pensamento do homem e pela consciência de si mesmo. Na verdade, este tipo de pensamento inaugurou uma reflexão que, apesar de encontrar-se presente em períodos anteriores, trouxe um elemento novo, a saber, a idéia do antivitalismo, isto é, da virtualidade dos autômatos. Nunca antes se havia pensado na possibilidade da existência de máquinas à semelhança do homem, do o criador conceber uma criatura capaz de transformar-se também num criador.¹

A extensão de todo este pensamento é sintetizada e aproveitada em termos efetivos em nossa época pelo cientista Norbert Wiener, considerado o pai da cibernética. Wiener vai além das reflexões de ordem puramente existencial ao conceber a máquina enquanto um "sistema semimecânico, semi-humano". Para ele, homem e máquina são extensões um do outro. Assim, a máquina funcionaria como "(...) uma prótese,

*** SOBRE A TÉCNICA E A TECNOLOGIA: Ao notar que muitos autores fazem distinção entre técnica e tecnologia, colocando a tecnologia como característica da sociedade moderna e a técnica - dada seu caráter instrumental - como própria das sociedades anteriores a esta (Milton Vargas, 1994: 15-17), acha-se necessário colocar o motivo pelo qual não se fará tal distinção conceitual. Para tanto, expor-se-á a própria concepção de técnica e tecnologia deixando claro ao leitor, desde o início, o enfoque pelo qual esses conceitos vão ser trabalhados no decorrer desse ensaio.

Endende-se que, a técnica não pode ser pensada nem entendida separada da tecnologia pois, na concepção da autora aquela é a própria extensão e concretização desta. Ou seja, tecnologia é o saber e a técnica é a execução deste saber. Deste modo, a técnica pressupõe a tecnologia ao mesmo tempo que a antepõe na medida em que possibilita, potencializa e engendra o surgimento de novas tecnologias, as quais, por sua vez reverter-se-ão em novas técnicas. Sendo assim, técnica e tecnologia englobam-se, ambas são produto e produtoras de um mesmo saber. Saber este, construído e firmado a partir das relações dos homens entre si e com a natureza. Portanto, técnica e tecnologia não podem ser vistas como dimensões abstraídas uma da outra, são antes momentos diferentes de um mesmo conjunto, duas faces de uma mesma moeda. Ao entender a técnica separada da tecnologia, o que ocorre é uma particularização e fragmentação de seu significado, o que acarreta, em última análise, a própria separação metodológica entre o saber e o saber-fazer. Por isso optou-se por uma concepção totalizante sobre a técnica e a tecnologia, pois não se entende que possa haver, absolutamente, ruptura entre estas duas instâncias do fazer humano.

¹ Clemente Ancona: Rene Betti; Ugo Fabietti. Homem IN: ENCICLOPÉDIA ANTHRO-POS-HOMEM. Brasília: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v.5, p.165-166.

ampliando os potenciais demasiado reduzidos (do homem) para torná-los mais eficazes"². Ora, se a máquina é uma prótese, então é perfeitamente possível reproduzir sensações humanas via máquina e, obedecendo a esta lógica, Wiener afirma que o inverso também é possível, isto é, a reprodução de características humanas em máquinas. Deste modo, a análise da questão homem-máquina defronta-se com um novo problema, qual seja, a inserção das máquinas no próprio entendimento do processo humano:

*"E nesse sentido se pode afirmar que se instala um verdadeiro reino artificial: de fato, os organismos que dele passam a fazer parte, embora artefatos, frutos da concepção humana, passam a exibir uma propriedade característica dos seres vivos: a autonomia. Autonomia essa, no entanto, que se pode fazer remontar aos próprios objetivos da Revolução Industrial, na medida em que esta se instalou, se definiu, como a mecanização do ato humano"*³.

Este é o novo prisma em que é colocada a tecnologia no quadro contemporâneo;

*"a identidade de ser humano é assim mediada e modificada através da funcionalidade das extensões técnicas, de que o homem se orgulha de ser o artífice; e partilha com outros homens a aspiração a um sempre maior enriquecimento tecnológico do ambiente, e com isso, de si próprio."*⁴

Esta discussão tem repercursões éticas importantíssimas. Não é preciso nenhuma prova empírica cabal para se perceber que a criatividade e poder de inovação do homem ficam deveras comprometidas diante destas novas diretrizes tecnocientíficas:

*"Um dos aspectos da construção de máquinas é o de restringir o campo da escolha humana, isto é, do produtor, em benefício da zona em que o produto age e que, ao ampliar-se, aumenta a autonomia do produto"*⁵.

Com efeito, a maior divergência entre a máquina artificial e a máquina humana é que esta fundamenta-se na entropia para produzir e reproduzir-se, enquanto aquela simplesmente não a suporta. Aliás, como assinala Morin, isto fica tanto mais evidente pelo fato de as máquinas artificiais não poderem reproduzir-se, dada a sua incapacidade de lidar com o imprevisto e de superar situações não programadas. Fato este que não significa problema algum para os organismos vivos, pelo contrário, é desta desordem que eles retiram e desenvolvem suas originalidades e poder de renovação. Portanto, é exatamente nesta habilidade de combater, elaborar ou mesmo conviver com situações inusitadas, que a criatividade humana se sobressai⁶.

² Norbert Wiener, *O homem e a Máquina*. In Charles de Royamnot (org.) *O conceito de Informação na Ciência Contemporânea*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p.80.

³ Ued Martins Manzud Maluf. *"Epistemologia Artificial, hegemonia da máquina, informação da sociedade e seu impacto sobre o humano"*. CONGRESSO NACIONAL DE INFORMÁTICA, 20, 1987, São Paulo. "Anais... São Paulo: SUCESU, 1986." p.57.

⁴ ANCONA, bibliografia citada, p. 167-168.

⁵ Idem, p. 170.

⁶ Edgar Morin. *Ciência com Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-Aérica. p.58.

Ora, sob a égide da racionalidade em que o capitalismo cada vez mais se estrutura, o "fator humano" está sendo cada vez mais tido como "(...) a pequena irracionalidade que tem que ser integrada para funcionalizar os rendimentos". Conseqüentemente, a sociedade que engloba este "fator humano" desprende-se de sua característica maior e passa a desprezar todo e qualquer desequilíbrio que, contudo, lhe é inerente. Para Morin, nesta sociedade tecnocrática,

*"(...) a tecnologia tornou-se o suporte epistemológico de uma simplificação e de uma manipulação generalizadas, inconscientes que julgam ser a racionalidade... A racionalização é demente e, todavia, tem os mesmos ingredientes que a razão (humana). A única diferença é que a razão, essa, deve estar aberta, e que ela aceita, reconhece, no universo, a presença do não racionalizável, ou seja, a parte do desconhecido ou a parte do mistério"*⁷.

Sendo assim, não resta dúvida de que as máquinas dotadas de inteligência artificial - um dos principais fundamentos da informática - acabam por interferir diretamente no raciocínio humano, gerando novos mecanismos conceptivos. É o que Pierre Lévy chama de "tecnologias da inteligência", ou seja, a capacidade que certos elementos técnicos possuem de intervir e reformular a maneira de ordenar e processar as informações e conhecimentos, acarretando, conseqüentemente, e de forma decisiva, mudanças estruturais na organização social. Não é a primeira vez que um advento tecnológico muda drasticamente a maneira de pensar e organizar o mundo. Para Lévy, muito antes das "máquinas inteligentes" a própria linguagem, a escrita e, posteriormente, a impressão, o telefone, os automóveis entre tantas outras invenções humanas

*"(...) tiveram um papel fundamental no estabelecimento dos referenciais intelectuais e espaço-temporais das sociedades humanas."*⁸. Deste modo, "os produtos da técnica moderna, longe de adequarem-se apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginário, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos... A técnica não é sinônimo de esquecimento do ser ou de deserto simbólico, é ao contrário uma cornucópia de abundância axiológica, ou uma caixa de Pandora metafísica"⁹.

Daí situarmos a tecnologia informática como algo que, muito além de significar um mero manuseio de máquinas avançadas, representa uma transformação social de amplo impacto. Dentro deste contexto, o papel da informática é o de uma ferramenta, um instrumento que propicia a reconstrução e reinterpretação de todo um universo epistemológico, isto é, de maneiras de conceber o mundo. Universo este que vem totalmente ao encontro dos moldes do novo capitalismo global.

⁷ Idem, p. 59.

⁸ Pierre Lévy, As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. p.75

⁹ Idem, p.16.

RELAÇÃO MÁQUINA / MITO

Com o advento do capitalismo global, ou da globalização da economia, termo mais comumente divulgado, as Ciências Sociais vêm passando por algumas reorientações teóricas na tentativa de melhor entender as transformações e impactos sociais que esse novo contexto está impondo. Dentre estas reorientações, a categoria trabalho é a que se apresenta de forma mais polêmica. Isto porque o trabalho sempre foi considerado, em todas as linhas teóricas, como uma das bases fundamentais sob a qual as sociedades, em geral, estabelecem suas relações e estruturam suas visões de mundo. Ora, se o trabalho fundamenta uma sociedade é claro que os instrumentos de trabalho também vão exercer um papel essencial nestas relações e, conseqüentemente, em suas visões de mundo. Mesmo os sociólogos não marxistas têm em conta que "as transformações revolucionárias da ciência e da técnica, com as conseqüentes modificações na produção e nos serviços, devem necessariamente produzir mudanças também nas relações sociais"¹⁰.

Ora, atualmente a informática vem se confirmando como o grande instrumento de produção da sociedade contemporânea, sociedade esta que está sofrendo transformações radicais e globais. Por isso, afirma-se que esta nova tecnologia representa a própria ferramenta destas transformações, não só por seu caráter técnico e material mas por interferir diretamente nas relações de trabalho e, portanto, sociais, viabilizando e potencializando não só a economia mas o próprio imaginário da sociedade global, algo extremamente necessário para sua plena consolidação.

Não é a primeira vez que isto ocorre. Desde seus primórdios, nos albores da pré-História, o homem vem alterando suas relações com o mundo e com seu meio em função de inventos elaborados para amenizar os percalços impostos pela natureza, de modo a extrair mais facilmente os elementos necessários à sua sobrevivência. No que diz respeito à história do capitalismo, foi no século XVIII que se presenciou pela primeira vez "(...) uma das mais significativas revoluções por que passou a humanidade; a Revolução Industrial"¹¹, que se caracterizou, sobretudo, pela substituição da força física do homem pela força mecânica das máquinas.

¹⁰ Adam Schaff. *A Sociedade Informática*. São Paulo: Brasiliense, 1990. "*Mudanças na formação econômica da sociedade*", p. 21.

¹¹ Ued M. M. Maluf, bibliografia citada, p.55.

Sem dúvida, atualmente está-se passando por uma segunda Revolução Tecnoindustrial¹². Esta segunda revolução, obviamente fruto da primeira, possui como característica maior, a ampliação das capacidades intelectuais do homem. O que aproxima as duas Revoluções, podendo inclusive serem chamadas de revolução exatamente por isso, é o fato de ambas terem representado uma ruptura em relação ao nível de acúmulo de conhecimento na área e sua aplicação prática na época. Isto ocorre quando as inovações tecnológicas na produção são a um tal ponto qualitativas que os trabalhadores não conseguem acompanhá-las, mesmo porque estas inovações são introduzidas, de um certo modo, externamente ao processo produtivo (isto é, de cima para baixo), não havendo quase nenhum aproveitamento das práticas produtivas vigentes naquele momento. Sendo assim, torna-se necessário que os trabalhadores sejam treinados e especializados para executar as novas tarefas, ocasionando uma profunda reestruturação nas relações de produção, ao mesmo tempo que interfere e altera todo o conhecimento adquirido e construído pelas mesmas até então.

O que vai diferenciar a segunda Revolução tecnoindustrial da primeira é, basicamente, o impacto que cada uma provocou em relação ao trabalho. Ou seja, enquanto a primeira, apesar de passar por um longo período de adaptação, resultou em alguns benefícios no que tange ao rendimento conseguido pela liberação da força bruta humana; a segunda sugere uma completa substituição do trabalho humano, visto que as máquinas agora, além da capacidade mecânica, estão providas de inteligência artificial, isto é, tornaram-se autômatas¹³. Fica evidente, portanto, o caráter excludente que esta segunda revolução possui com uma clara proposta de eliminação da dependência do capital em relação ao trabalho vivo. Cabe dizer que o surgimento destas novas máquinas só foi possível graças ao advento da informática.

¹² Em decorrência da inúmeras divergências quanto ao conceito "Revolução", acha-se necessário deixar claro que se utilizará do referencial teórico-metodológico de Adam Schaff por entender-se que sua concepção de revolução é mais ampla pois engloba não somente as transformações de nível organizacional na produção, mas também transformações nos meios e instrumentos da mesma, ou seja, nas forças produtivas como um todo. Diferentemente do que ocorreu sob o taylorismo-fordismo, onde as mudanças no processo produtivo foram anteriormente idealizadas para depois serem colocadas em prática e adaptadas, objetivando antecipadamente o controle da organização do trabalho pelo capital; na atual Revolução Informacional "(...) podemos presenciar a materialização - com uma clareza quase clássica - de uma das teses fundamentais da teoria marxiana, a saber: que as mudanças na base social produzem inevitavelmente mudanças na superestrutura" (Schaff, 1990: 32) Ou seja, o avanço da forças produtivas atuais está impondo uma incorporação e assimilação *a posteriori* na organização do processo produtivo. Eis porque prefere-se adotar a terminologia e periodização de Schaff para designar como segunda revolução técnico-científica as transformações pelas quais a sociedade está passando neste momento e que estão sendo, em parte, apresentadas neste estudo.

¹³ Adam Schaff, bibliografia citada, p.22.

De acordo com Adam Schaff, esta transformação tecnológica e industrial é uma parte de um tripé sobre o qual emerge a atual revolução tecnocientífica. As outras duas partes complementares são a biogenética e a engenharia energética. Apesar de se ter em conta a importância destes dois componentes no contexto atual, não e detererá neles por entender-se que a análise dos mesmos extrapolará sobremaneira as pretensões desse estudo. O que é importante ressaltar aqui é que nenhuma das outras partes que compõem este tripé teria condições de efetivar-se sem a utilização da tecnologia informática. Assim, fica evidente o grande impacto que esta nova tecnologia trouxe em todas as esferas de nossa sociedade, ou seja, econômica, política, social e cultural. Tanto que Adam Schaff denomina a sociedade atual de "sociedade informática": "Na sociedade informática a ciência assumirá o papel de força produtiva"¹⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, vendo na informática um fator de confirmação e corolário dos novos ditames políticos, econômicos, sociais e culturais, posiciona-la-á como co-responsável pelas alterações que as relações de produção - e, por conseguinte, as relações sociais como um todo - vêm experimentando. Co-responsável não só em função da instância técnica em si, mas pela subjetividade que lhe perpassa, incutindo nos trabalhadores e, portanto, na maior parte da população mundial, uma mitificação da mesma. Mitificação esta que contribui para mascarar a realidade e solidificar uma imagem incondicionalmente positiva e a-crítica da tecnologia, camuflando problemas seriíssimos que a mesma pode gerar no interior das sociedades como **o agravamento do desemprego estrutural-tecnológico e o conseqüente agravamento da exclusão e desagregação social** de uma ampla parcela populacional.

Ao constatar-se alguns dos mecanismos de "(...) gestão dessa dimensão psicológica de dominação que vêm caracterizando o neocapitalismo"¹⁵, não se pode deixar de questionar a "neutralidade" e a "eficiente" racionalidade da técnica e tecnologia moderna da qual subjaz o ideário de progresso enquanto condutor de prosperidade e bem-estar social para todos, moldando, assim, a realidade dos atores envolvidos neste processo e contribuindo, entre outras coisas, para esconder as desigualdades sociais e fortalecer a fragmentação social oriundas da sociedade global e informática.

Sendo assim, ao invés da técnica apresentar-se como uma "humanização da natureza", representando uma relação mais consciente e harmoniosa com a mesma, acaba ocorrendo uma "desumanização da técnica"¹⁶. Isto é, toda essa abundância e

¹⁴ Idem, p.43.

¹⁵ Roberto Heloani. Organização do Trabalho e Administração - uma visão multidisciplinar. São Paulo: Brasiliense, 1992, "*A estruturação do pós-fordismo*", p.94.

¹⁶ Régis de Moraes, Filosofia da Ciência e da Tecnologia. Campinas: Papyrus, 1988, p.101.

sofisticação tecnológicas, próprias da sociedade moderna, descaracteriza a finalidade primeira da técnica e da tecnologia, a saber, a manutenção do homem em seu meio-ambiente a qual significa, em última instância, a própria relação homens/natureza. O resultado disso é o mais absurdo paradoxo, ao invés da busca de preservação e recomposição equilibrada dos recursos naturais o que vemos são florestas devastadas, poluição e degradação, animais extintos ou em vias de extinção etc.

De acordo com Edgar Morin, é claro que este entendimento da tecnologia enquanto algo desconectado da produção social trazida de cima para proporcionar desenvolvimento e libertação aos homens, acarreta bem menos uma emancipação do que um novo tipo de manipulação e exploração do homem pelo homem. Para este autor, a separação da própria noção de técnica e tecnologia de seu contexto e processo em que ocorre contribui para agravar esta situação. Isto porque ao separar o entendimento da técnica da rede macrossocial em que essa se insere aliena-se, em consequência, o indivíduo, o ser social da mesma, subjugando e introjetando nas pessoas uma imagem toda especial de seu universo. Sendo assim, de acordo com Morin, "(...) não aplicamos só os esquemas tecnológicos ao trabalho manual, ou mesmo à máquina artificial, mas também às **nossas próprias concepções da sociedade, da vida e do homem.**"¹⁷

Eis a mitificação da técnica em toda sua plenitude e contradição! Um, um mito que se fundamenta no próprio "desencantamento do mundo" - um mundo impregnado de excessiva racionalidade - para poder permanecer encantado, mitificado. Ou seja, o aparato todo racional da tecnologia moderna é a própria base que o novo capitalismo de escala global necessita para manter-se aquecido. Aquecimento esse que se respalda, em boa medida, no mito da "tecnologia-deusa" e sua consequente alienação humana para garantir sua continuidade:

*"A pretensa neutralidade da ciência e da instrumentalidade da tecnologia parecem ilusões, ou melhor, fazem parte do imaginário social da nossa época, em que se postula a expansão ilimitada da mestria racional, a qual, na realidade é um pseudomestria baseada em pseudo-racionalidade, no mundo ocidental e no oriental, onde os conhecimentos científico-tecnológicos são postos a serviço da dominação, ainda que mantenham as sociedades precariamente unidas e coesas."*¹⁸

¹⁷ Edgar Morin, bibliografia citada, p.56-62.

¹⁸ Henrique Rattner. *Informática e Sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.p.10.

BIBLIOGRAFIA:

- ANCONA, Clemente; BETTI, Rene; FABIETTI, Ugo. Homem. In: ENCICLOPÉDIA Anthropos-Homem. Brasília: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v. 5.
- HELOANI, José Roberto. Organização do Trabalho e Administração: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- MALUF, Ued Martins Manjud. Epistemologia artificial, hegemonia da máquina, informatização da sociedade e seu impacto sobre o humano. In: CONGRESSO NACIONAL DE INFORMÁTICA, 20, 1987, São Paulo. Anais... São Paulo: SUCESU, 1986. p. 55-63.
- MINC, Alain; NORA, Simon. A informatização da sociedade. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- MORAIS, Régis de. Filosofia da Ciência e da Tecnologia. Campinas: Papyrus, 1988.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Lisboa: Europa-América, 1982. p. 56-62. Epistemologia da Tecnologia.
- MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RATTNER, Henrique. Informática e Sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SCHAFF, Adam. A sociedade informática. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- VARGAS, Milton. História da técnica e da tecnologia no Brasil. São Paulo: Edusp, 1994.
- WIENER, Norbert. O homem e a máquina. In: ROYAUMONT, Cahiers de. O conceito de informação na ciência contemporânea. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 69-99.
- WRIGHT MILLS, C. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.